

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE UM INSTRUTOR E ATLETA DE CANOA HAVAIANA NA CIDADE DE SALVADOR- BAHIA

*THE PROFESSIONAL TRAINING OF AN INSTRUCTOR AND ATHLETE OF
HAWAIIAN CANOE IN THE CITY OF SALVADOR- BAHIA*

Ziggy Marley Silva Alves dos Santos¹; Dr. João Franco Lima²

1. Acadêmico do curso de Educação Física da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Participante do grupo de pesquisa CAMINHOS
2. Mestre em Lazer - Interdisciplinar pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009), doutorado em Medicina e Saúde Humana pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (2020). Professor do curso de Educação Física da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Autor para correspondência: ziggisantos19.2@bahiana.edu.br

Resumo

A Canoa Havaiana, denominação nacional para esta prática que surgiu na região do triângulo polinésio, existe a mais de 3.000 anos e era utilizada como meio de transporte. Na contemporaneidade são muito utilizadas para a prática esportiva e de lazer. Devido às histórias de vida com embasamento autobiográfico poderem revelar aspectos de investigação educacional e contribuir na formação profissional, investimos nesse projeto com objetivo de compreender a formação profissional de instrutor e atleta de Canoa Havaiana. Justificam a realização desse trabalho a carência de estudos com base em autobiografias na área da educação física. Foram identificadas categorias relacionadas às influências sofridas, barreiras, dificuldades encontradas e estratégias para enfrentá-las. Entre as quais: a influência familiar, dificuldade financeira, aceitar ajuda com estratégia para enfrentar as barreiras. Percebemos que nossas histórias podem ser entrelaçadas com a história de outras pessoas e de instituições.

Palavras-chave: autobiografia, canoa havaiana, Formação profissional, história de vida.

Abstract

The Hawaiian Canoe, the national name for this practice that arose in the Polynesian triangle region has, existed for more than 3,000 years and was used as a means of transportation. In contemporary times they are widely used for sports and leisure. Because life stories with an autobiographical basis can reveal aspects of educational research and contribute to professional training, we invested in this project in order to understand the professional training of instructor and athlete of Hawaiian Canoe. Justify the accomplishment of this work the lack of studies based on autobiographies in the area of physical education. Categories related to the influences suffered, barriers, difficulties encountered and strategies to face them were identified. Among them: family influence, financial difficulty, accepting help with strategy to face the barriers. We realize that our stories can be intertwined with the stories of other people and institutions.

Keywords: autobiography, Hawaiian canoe, Professional training, life history.

Introdução

A Canoa Polinésia ou Canoa Havaiana, denominação nacional para esta prática que surgiu na região do triângulo polinésio e originalmente denominada *Va'a*, *Wa'a* ou *Waka* na Nova Zelândia e como *Outrigger*, existe há mais de 3.000 anos e era utilizada como meio de transporte entre as ilhas da região do triângulo polinésio^{1 2 3 e 4}.

Há registros de que a colonização das Ilhas Polinésias se iniciou com a utilização das canoas há aproximadamente 10 mil anos² e ainda que há indícios que remontam a 5 mil anos de sua existência em territórios do sul e sudeste asiático, no Pacífico, regiões do Índico e ilhas africanas⁴. Por isto é considerada milenar e mãe de todas as outras embarcações.

A princípio, as canoas eram utilizadas para explorar novos territórios, acessar novas ilhas, guerrear, buscar alimentos e para diversão⁴. As canoas utilizadas para busca de novas terras podiam transportar em média 80 pessoas⁷. E eram construídas a partir de árvores rigorosamente escolhidas, atualmente são feitas de material que garantam mais flutuação e produção industrial, mas, todas são consideradas Canoas Polinésias e enquadradas na categoria Canoas *Outrigger*⁴.

O termo Canoas *Outrigger* é de origem inglesa, mais associado ao Havaí, por esse motivo são conhecidas pela sigla OC de *Outrigger Canoe*, que

pode ser seguida do numeral indicativo do número de pessoas que comporta, OC1, OC2, OC3, OC4, OC6 ou OC12⁴.

No Brasil ela foi introduzida no ano de 2000^{1 2 3}, com a primeira competição em águas brasileiras em 2001⁵ e a primeira Canoa Havaiana a chegar ao Nordeste do Brasil e em Salvador, capital da Bahia, foi a *Kaleopapa*, considerada a mãe das canoas nesta cidade⁶.

Atualmente a Canoa Havaiana é muito utilizada para práticas esportivas, de lazer e difundida em diversos países. Meu primeiro contato com a Canoa Havaiana foi em 2014. Hoje sou instrutor e atleta da modalidade.

As narrativas de histórias de vida com embasamento do método autobiográfico podem revelar aspectos de interesse de investigação educacional e auxiliar na formação de professores⁷, sendo assim, investimos nesse projeto com base em narrativa de história de vida autobiográfica para estudo da minha própria história, logo, o artigo será escrito na primeira pessoa.

A carência de estudos do tipo na área de Educação Física justifica a realização deste, cujo objetivo geral foi compreender a minha formação profissional como instrutor e atleta de Canoa Havaiana na cidade de Salvador-BA, assim como, identificar as influências, barreiras e dificuldades na minha formação, além de revelar as estratégias para enfrentá-las.

Método - Resultados

Trata-se de estudo qualitativo baseado em História de Vida com uso de fonte autobiográfica produzida por meio de técnicas de História de Oral.

O método autobiográfico atende às necessidades das pessoas compreenderem sua vida cotidiana, suas dificuldades, contradições e foi concebido para traduzir comportamentos individuais ou microsociais com pretensão de ser fonte de novos conhecimentos⁷.

Para este método podem ser utilizadas fontes primárias ou secundárias. As primeiras são as narrativas biográficas, quando coletadas por outra pessoa, ou narrativas autobiográficas, quando o relato for do próprio pesquisador. As segundas são materiais diversos como: correspondências, fotografias, documentos oficiais, recortes de jornal, entre outros, mas, embora as fontes

secundárias apresentem maior objetividade, devem ser priorizadas as fontes primárias, justamente devido a sua subjetividade, pois, como afirma Ferrarotti⁷, as fontes primárias e sua subjetividade explosiva devem ser trazidas ao coração do método biográfico, pois, nos interessa a riqueza desse material e sua força subjetiva na comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador.

As histórias de vida podem ser escritas por meio de diversas fontes, entre elas as fontes orais⁸. Em História Oral o entrevistado ou participante de uma pesquisa deve ser considerado um colaborador, pois implica, pelo menos, presença de dois participantes, entrevistador e entrevistado, cuja interação atua de forma determinante e estabelecida em projeto⁹. No entanto, o entrevistado pode ser o próprio autor, que escreve sua autobiografia a partir de narrativas geradas com auxílio de um entrevistador.

Histórias de vida como objeto de estudos trazem elementos de um período que interessa ao pesquisador um assunto em particular e são adaptadas aos aspectos definidos em projeto para o qual foram produzidas^{10 11}. E a subjetividade presente nas narrativas autobiográficas podem se tornar objeto de conhecimento científico, pois, se o indivíduo é o singular do universo social e histórico que o rodeia é possível conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual⁷.

No caso desse trabalho o objeto de estudo é a própria vida do autor, pois, acreditamos ser possível compreender as nuances da formação de um instrutor e atleta de canoagem / Canoa Havaiana, bem como do contexto social que o cerca.

Para a realização desse trabalho foram utilizados dois computadores, dois aparelhos de celular, caderno para anotações. Para iniciar as entrevistas os equipamentos foram preparados, testados e realizados treinamentos com entrevistas prévias. Posteriormente foram realizadas três entrevistas por meio da plataforma Zoom pela praticidade e facilidade para gravá-las, armazená-las e acessá-las. A primeira no dia 20/04/2022, a segunda no dia 27/07/2022 e a terceira no dia 19/04/2023, desencadeadas por meios das seguintes questões disparadoras: Quem são seus pais? Você tem irmãos, quem são? Como foi sua infância? Como foi sua adolescência? Como você começou na canoagem? A partir das primeiras narrativas foram produzidas outras questões, a saber:

Como você se sentiu ao ler e transcrever sua entrevista? O que mais lhe chamou a atenção? Pode falar o que o levou ao Projeto Remo sem Fronteiras? Como foi sua busca pelo curso de educação física? Você consegue perceber quais foram as barreiras, dificuldades nesse percurso e quais as estratégias utilizou para enfrentá-las?

As entrevistas foram transcritas na medida que foram finalizadas, isto é, o processo de transcrição de cada entrevista foi iniciado em até 24 horas após sua conclusão resultando em dez laudas. Em seguida foram conferidas, corrigidas, lidas com leituras flutuantes e em profundidade, para interpretação, análise, ordenação das narrativas, delimitação do tema, construção das categorias.

Discussão – Navegando na História

A partir das narrativas pude perceber que tive influências de diversas naturezas, da família, principalmente da minha mãe, de outras pessoas, das intervenções, práticas e culturas dos contextos sociais nos quais estava inserido e participante.

A influência familiar

A minha mãe foi a minha maior incentivadora, ela

[...] nunca escondeu sua paixão pelas coisas naturais, preservação ecológica e animais. [...] me levava a praia de buraquinho, juntamente com minha irmã. Meu sonho era ter um caiaque.

Quando percebeu que eu havia deixado de praticar atividades esportivas e reduzido meu tempo de lazer por conta de trabalho:

[...] minha mãe, como incentivadora, aproveitou o momento e me comunicou que havia um projeto para crianças sendo instalado na comunidade, com algumas modalidades, que talvez me interessasse. Ela sempre presenciou minha ligação com o mar.

Desde a infância minha mãe me incentivou, estimulou e foi responsável por me fazer conhecer o projeto que trabalhava esportes aquáticos voltados para crianças e adolescentes em vulnerabilidade.

A família materna já tinha uma relação íntima com o mar, alguns desses familiares foram nascidos e criados em Itaparica.

[...] minha bisavô foi da ilha de Itaparica, analfabeta e trabalhou uma parte da vida na cozinha dos brancos e grã-finos como ela gostava de falar. Minha tia, saiu ainda jovem da ilha de Itaparica para trabalhar na capital, [...], conheceu um mergulhador [...] que morava na comunidade da Gamboa, nisso ela passou a morar com ele.

A partir daí, e morando em Itinga, Região Metropolitana de Salvador, passamos a receber convites para passar os finais de semana na Gamboa

[...] que é bem privilegiada, tem uma fatura pesqueira, e fica localizada no entorno da baía de todos os santos e no centro de Salvador. Meu Avô materno, trabalhou no antigo Hotel da Bahia a sete minutos da comunidade, e decidiu sair do bairro de Itinga, [...]

Fomos morar na Gamboa próximo a minha tia no ano de 2001. E meu avô, que já tinha muita aproximação com o mar, foi outro grande influenciador, pois:

[...] decidi construir um pequeno barco (uma catraia a remo de seis metros) que serviria para realizar algumas pescarias, [...]. Enquanto a construção do barco ficava pronta, meu avô chegou para mim e disse: você vai ter que aprender a remar, para me levar para pescar.

Nesse processo eu participei das compras do material e acompanhei a construção do barco, que foi “[...] fora do padrão de dimensão dos que já tinham sido fabricados, por questão de segurança em alto-mar e porque ele tinha sobrepeso.”

Em relação a família paterna, me marcou as histórias que meu avô contava a respeito da sua relação com os filhos e a sua exigência para meu pai trabalhar desde a infância e que ele tivesse uma carreira.

Outras influências

Na infância, tanto em Itinga quanto na Gamboa e em outros lugares que convivi eu tive contato com outras pessoas e me envolvi com as práticas comuns dessas comunidades:

Minha infância foi muito proveitosa, eu sempre tive contato com outras crianças do bairro, vizinhos, e sempre gostei de cavalo, até mesmo pela localidade, o bairro de Itinga era uma antiga fazenda, eu tinha um tio que criava cavalo, tinha vizinhos também que gostava de cavalo. Eu sempre brinquei com jogos e brincadeiras tradicionais

Mas, foi na Gamboa, mesmo não sabendo nadar quando fui morar lá, que me aproximei mais do mar e das atividades aquáticas:

O período de infância na Gamboa não tinha algo melhor que fosse brincar e se divertir na água, algumas práticas já faziam parte do cotidiano das pessoas que ali moravam, como a pesca com explosivo, e era assustador para quem não residia na localidade, e algo tranquilo para a maioria dos moradores, toda as vezes que era lançado o explosivo nos cardumes de peixes de passagem, homens e crianças, cachorro, mulheres se lançavam na água para pegar o peixe alvejado. Eu cheguei a me lançar nessa onda de espera pelo peixe, tinha shorts para coletar os peixes, e já cheguei a cair algumas vezes para pegar o peixe alvejado.

Fiquei um tempo fora da Gamboa. Passei três anos na Ilha, mantendo relação com o mar, depois me distanciei por oito meses morando na Garibaldi e mais seis meses em Santo Amaro. Quando retornei, entre 2013 e 2014, percebi mudanças, inclusive na fauna marinha. Nesse período, com mais idade e consciência, coincidiu com a entrada no projeto que trabalhava esportes aquáticos (já citado anteriormente), onde

“[...] o cuidado com meio-ambiente e preservação sempre tiveram em pauta. [...] Passei a ter um pouco de consciência ambiental. Eu falo consciência ambiental em preservação do meio ambiente e de todas as espécies que ali habitam.”

Nessa época eu trabalhei com Produção Cultural como assistente de produção no Centro de Culturas Populares e Identitárias do Estado da Bahia, foi quando uma amiga produtora cultural, militante e participante no movimento negro sugeriu que eu fizesse um curso no ensino superior por meio de cota para pessoas pretas:

Mesmo não sendo o curso que eu buscava. Os cursos nesta instituição eram muito seletivos, na época eu trabalhava com produção cultural, a minha ideia na época era fazer o curso de

publicidade e propaganda, mas não aconteceu, e eu acabei encarando o curso de ADM que não era meu objetivo no momento. Eu acabei abandonando o curso.

Eu já estava envolvido com as práticas de *Stand Up Paddle* e com a Canoa Havaiana e passei a me interessar pela Educação Física. Nesse sentido, é coerente com a afirmação de que há estudantes que optam por cursarem Educação Física motivados por experiências com práticas de atividades físicas e esportivas¹².

As barreiras

Identifiquei algumas barreiras ou dificuldades em minha trajetória, como não saber nadar, até aprender quando cheguei na Gamboa, problemas com alcoolismo na família. “Meu avô paterno teve problemas com o alcoolismo, acabou entrando em um centro de reabilitação para alcóoltras anônimos o “AAA” localizado no bairro de Itinga.”

A princípio a idade foi uma barreira para ingressar no projeto oferecido na comunidade da Gamboa por ser superior a estabelecida, pois [...] visava o público infantil e adolescente, eu tinha dezenove anos na época [...].

Cansaço devido à grande demanda de trabalho e de trabalhar à noite, incompatibilidade de horários de trabalho com horários do curso de ADM, mesmo com bolsa de 100% acabei abandonando.

Dificuldade financeira, percebida desde a infância. Dois momentos foram marcantes, quando minha mãe não pode pagar o aluguel de um caiaque no tempo regular e quando tive que descontinuar uma graduação em Educação Física,

Eu cheguei a cursar o primeiro semestre do curso semipresencial de Educação Física [...], na época eu dependia da ajuda de custo que foi proposta pelo coordenador do projeto, nisso eu fui informado que o projeto já estava finalizando sua parceria com uma empresa SUIÇA, e que não teria mais fundos nem anjos investidores para custear o que seria revertido. Depois disso o projeto ficou estagnado, eu tive que deixar o curso por não ter uma renda fixa e não ter um retorno financeiro do projeto para arcar com as mensalidades.

A dificuldade financeira foi percebida novamente após ingressar no curso de Educação Física da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – BAHIANA, pois, mesmo com 50% de desconto na mensalidade, “uma das maiores dificuldades foi a financeira, eu já estava a ponto de desistir do curso em busca de um emprego”.

Durante investida para trabalhar sofri racismo “pelo fato de ter cabelo *black power* e fui obrigado a cortar o cabelo para ser empregado”.

A fragilidade na formação em nível de ensino fundamental também representou uma dificuldade:

O início do curso, foi muito difícil para mim, eu pensei várias vezes em desistir do curso, até por conta da minha formação do ensino fundamental que não foi uma das melhores, a sensação na sala de aula era uma das piores para mim. Sempre achava que a professora tinha péssimas conclusões sobre mim, pelo fato de não conseguir participar das primeiras discursões com os colegas, [...].

Mas, busquei alternativas e ajuda para vencer as barreiras e dificuldades que fui encontrando. Mas, me fez refletir sobre inclusão no ensino superior e percebi que faltam estudos com relação ao ingresso e conclusão de curso na área da Educação Física. Parece haver barreira, por exemplo, à entrada de não brancos em curso de Medicina, o que contribui para desigualdade racial¹³. Qual o panorama em curso de Educação Física? Acredito ser importante estudos sobre esse tema.

Estratégias para vencer as barreiras e dificuldades

Ao analisar as narrativas geradas com a entrevista identifiquei estratégias que utilizei para superar barreiras e dificuldades que encontrei no caminho da minha vida.

Como eu já gostava de atividades aquáticas e fui morar na Gamboa, de frente para o mar, percebi que tinha que aprender a nadar. Ainda com nove anos de idade, me interessava, prestava atenção, ouvia as pessoas com mais idade e acreditei no que os moradores mais velhos diziam: “as crianças na Gamboa, já nascem sabendo nadar, e eu acredito neste aprendizado desde a

gestação, o ambiente e o estímulo são grandes influenciadores no desenvolvimento humano.”

Eu costumo dizer para algumas pessoas que meu processo de aprendizagem foi um pouco autodidata, eu realmente não tive uma pessoa que me orientasse como deveria ser feito, simplesmente eu observava e realizava algumas tentativas de reprodução. Como o nado livre! Na época eu não sabia nadar e não tinha medo do mar, observava de casa, e no muro de construção colonial o movimento de braçadas e pernadas de todos que passavam nadando, até um certo dia, que me arrisquei a ir nadar, mesmo não sabendo. E quando percebi, já tinha atingido uma distância que não dava mais pé. Mantive a calma e a flutuação e retornei para o ponto que tinha partido, [...]

Em relação a problemas com alcoolismo na família, no caso do meu avô paterno, frequentar o centro de reabilitação para acompanhá-lo pode ter sido uma forma de lidar com isso, “na época eram realizadas reuniões das 8:00 às 12:00, sempre aos domingos. Eu tinha dezesseis, dezessete anos”.

Quando completei dezenove anos, a princípio a essa idade foi uma barreira para ingressar no projeto oferecido na comunidade da Gamboa, mas notei que como morador da comunidade eu poderia contribuir de alguma forma, “[...] com o passar do tempo o coordenador [...], permitiu que eu me tornasse um monitor do projeto [...]”.

O envolvimento como monitor no projeto possibilitou a saída do trabalho que dificultava conciliar com os estudos e a custear o início em um curso de Educação Física na modalidade EaD. Mas, com o encerramento do projeto, a dificuldade financeira voltou a prejudicar e mais uma vez tive que abandonar um curso no ensino superior, dessa vez em algo que eu realmente queria.

Para superar essa dificuldade, já havia recorrido ao sistema de bolsa por cota para pessoas pretas e ao FIES. Dessa vez, um dos professores do curso que eu havia deixado se sensibilizou com meu esforço para continuar cursando Educação Física e procurou ajuda com seu amigo que é professor na BAHIANA e envolveu o coordenador do projeto que fiz parte na comunidade da Gamboa.

Devido a outros problemas perdi a chance de participar do processo seletivo para ingressar no curso de Educação Física da BAHIANA. Mas, em outra oportunidade consegui fazer transferência, cheguei a realizar matrícula

em outra instituição, mas fui incentivado pela família a escolher a BAHIANA e enviei mensagem para o professor da BAHIANA, pois:

Em um belo dia, realizando um passeio de canoa Havaiana na comunidade, recebi um recado de um amigo, me avisando que era para eu entrar em contato com o professor [...] que era algo relacionado a faculdade. Não pedir muito tempo e logo me dirigir à instituição e pedi uma transferência externa, [...] eu estava agoniado para entrar em curso, [...].

Além de ter sido muito bem recebido na BAHIANA, pelo coordenador do curso, pelos docentes, principalmente pelo professor que me enviou o recado, “[...] me fez se sentir com o pé na escola, foram os 50% de desconto que recebi após a matrícula”. Mas não foi o suficiente:

Uma das maiores dificuldade foi a financeira, eu sempre digo que na vida não caminhamos sozinhos e o professor [...] foi fundamental neste processo, no dia que eu pensei em desistir ele se propôs a pagar a mensalidade no primeiro semestre, e se não fosse esta ajuda nem estaria escrevendo esta entrevista.

Para diminuir a dificuldade financeira investi em procura por emprego e surgiu outra barreira, o racismo:

pelo fato de ter cabelo *black power* e fui obrigado a cortar o cabelo para ser empregado, cheguei a ficar com a vaga de emprego, mas com meu terceiro dia de empresa percebi péssimas condições de trabalho. Não favorecia os empregados e as condições eram insalubres. Em meio uma conversa com o Professor [...], recebi a orientação que deveria conciliar estudo família e trabalho, e não poderia perder o foco dos estudos.

A alternativa foi por meio da própria canoagem, me associei a um clube/escola, em contrapartida recebi o valor das mensalidades, pude realizar remadas em outros horários e consegui adquirir duas canoas e criar meu próprio clube mantendo a parceria. “Encontrei um caminho na canoagem, e foi aí que consegui conciliar as coisas”.

Para enfrentar a fragilidade na formação em nível de ensino fundamental, e outras, criei coragem e “[...] pedi permissão e relatei à professora que eu estava com muita dificuldade no aprendizado, não dormia oito horas de relógio, tinha um filho recém-nascido e não era desinteresse da minha parte.” Assim foi o início para ser verdadeiro comigo, com os

professores, com os colegas e criar estratégias para conseguir lidar com barreiras e dificuldades que foram surgindo.

Acredito que não me acomodei diante das barreiras e dificuldades, que encontrei e busquei alternativas. Algumas foram fáceis vencer, outras foram difíceis, algumas persistem, outras podem surgir, mas, percebi que encontro ajuda e apoio de familiares, colegas, amigos, não estou só. Afinal: o indivíduo é o singular do universo social e histórico que o rodeia⁷. Por isso acredito que minha história está entrelaçada com a história de outras pessoas e de instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - APORTANDO

Realizar esse estudo com base em minha própria biografia, passar pelos processos de entrevistas, transcrições, leituras, interpretação e análise das narrativas geradas, me levou a estado de nostalgia, e tive a oportunidade de lembrar e reviver desde o período da minha infância, de conhecer a canoagem, até as memórias mais recentes. E me surpreendi.

Foi possível compreender nuances, não só da minha formação profissional, mas também da minha formação como cidadão que é capaz de repensar sobre si, bem como dos contextos sociais nos quais circulei.

Foram identificadas categorias relacionadas às influências sofridas, barreiras, dificuldades encontradas e estratégias para enfrentá-las. As influências mais marcantes foram da minha mãe, da família e da relação com as culturas e intervenções nas comunidades que participei. As barreiras e dificuldades que se destacaram foram relacionadas a não saber nadar quando fui morar em frente ao mar, alcoolismo na família paterna, dificuldade para conciliar trabalho com estudo, financeira, ter sofrido racismo e a fragilidade na formação em nível de ensino fundamental. As estratégias que utilizei para enfrentar tais barreiras e dificuldades foram: coragem para enfrentá-las, autodidatismo, aprender com outras pessoas, pedir e aceitar ajuda e persistir para alcançar meus objetivos.

Percebi que não devemos nos acomodar diante das barreiras e dificuldades, que é possível encontrarmos alternativas, ajuda e apoio social,

pois, somos um em um grupo ou mais que nos cerca e que nossas histórias podem ser entrelaçadas com a história de outras pessoas e de instituições.

Referências

1. Sestaro J, Cauê S. História da Canoagem: Modalidade – Va'a, O que é Canoa Havahiana ou Va'a? . ESTARO.COM.BR. Disponível em: <https://www.sestaro.com.br/o-que-e-canoa-havaiana/>. Data de acesso: 08/09/2021.
2. Wikipedia. Canoa Polinésia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Canoa_polin%C3%A9sia. Data de acesso: 08/09/2021.
3. Fevaaes. O Esporte: História. Federação de Va'a do Espírito Santo. Disponível em: <http://fevaaes.com.br/o-esporte>. Data de acesso: 08/09/2021.
4. Meneguello, LF. Raiz: Uma viagem pelas origens do surfe, canoa polinésia, stand up paddle e prone paddleboard. eBook. 2020. Disponível em: [Raiz - Uma viagem pelas origens do surfe, canoa polinésia, stand up paddle e prone paddleboard - Luciano Faria Meneghella | Hotmart](#) >
5. Perin L. Vou de canoa: UM olhar sobre a cultura polinésia e outras histórias do mar. Rio de Janeiro, edite, 2020. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Vou_de_Canoa/WJwXEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover.
6. Araújo A. Canoa Havaiana: Kaleopapa a mãe das canoas em Salvador. Paddle News. Disponível em: <https://paddlenews.com.br/canoahavaiana/kaleopapa-a-mae-das-canoas-em-salvador/>. Data de acesso: 08/09/2021.
7. Santos HT, Garms GMZ. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. Anais. II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. 2014. Disponível em: [O Método Autobiográfico, a Metodologia de Narrativas e Narrativas autobiográficas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores \(unesp.br\)](#) >
8. Lima JF. Vivências de lazer em famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista. (Tese) Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Pós-graduação em Medicina e Saúde Humana. 2020.
9. Meihy JCSB, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. 2nd, 50 reim ed. São Paulo: Contexto; 2017.
10. Corrêa R, Guiraud L. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. Rev Diálogo Educ, Curitiba. 2009;9(28):671–86.

11. Josso MC. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez; 2004. 285 p.
12. Souza MMP, Lara CAS, Carvalho RS. Motivations for entering a physical education teacher training program in Chile. Original Article. J. Phys. Educ. v. 33. E3330.2022. DOI: 10.4025/jphyseduc.v33i1.3330
13. Souza PGA, et al. Perfil Socioeconômico e Racial de Estudantes de Medicina em uma Universidade Pública do Rio de Janeiro. Artigo Original. Revista Brasileira de Educação Médica. 44 (3): e090; 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20190111>